

## Revisitando a obra de Lenio Braga

*Marcelo Brazil e Walter Mariano*

**Resumo:** Lenio Braga foi um artista nascido no Paraná que viveu sua fase mais produtiva na cidade de Salvador, em meio à efervescência cultural dos anos 1950 e 1960. Envolvido com os principais nomes da cultura da época, o artista deixou um legado de importantes obras espalhadas pela Bahia. O artista ganhou destaque ao receber o Prêmio Nacional de Pintura da I Bienal da Bahia (1966). A chegada de Lenio na Bahia deu-se em um período revolucionário na vida cultural do estado, e que acabou por influir na vida cultural da própria nação. É nesse momento que uma maré vanguardista, inédita, varreu a cidade de Salvador, forjando num certo sentido, fenômenos como o Cinema Novo e o Tropicalismo. Sua obra, ecoa o contato com as duas primeiras gerações da arte moderna baiana, com uma primeira fase mais ligada à representação da cultura afro-brasileira e com uma segunda fase, de construção de um universo pessoal, voltado a um realismo mágico. Lenio Braga foi um experimentador inquieto, em toda sua vida. Após estudar as técnicas tradicionais – desenho, pintura, escultura, gravura – se interessou por fotografia e design gráfico, entre outras técnicas. Em 1968 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde morreu em 1973, com apenas 43 anos.

**Palavras-chave:** Lenio Braga; Arte moderna baiana; Bahia; I Bienal da Bahia.

---

## Revisiting Lenio Braga's artwork

**Abstract:** Lenio Braga was an artist born in Paraná who lived his most productive phase in the city of Salvador, amidst the cultural effervescence of the 1950s and 1960s. Involved with the main names of the culture of the time, the artist left a legacy of important works scattered throughout in Bahia. The artist gained prominence by receiving the National Painting Award of the I Bienal da Bahia (1966). Lenio's arrival

in Bahia took place in a revolutionary period in the cultural life of the state, which eventually influenced the cultural life of the nation itself. It is at this moment that an unprecedented avant-garde tide swept the city of Salvador, forging in a certain sense phenomena such as Cinema Novo and Tropicalismo. His work echoes the contact with the first two generations of modern Bahian art, with a first phase more linked to the representation of Afro-Brazilian culture and a second phase, of building a personal universe, focused on a magical realism. Lenio Braga was a restless experimenter all his life. After studying traditional techniques - drawing, painting, sculpture, printmaking - became interested in photography, film and graphic design, among other techniques. In 1968 he moved to Rio de Janeiro, where he died in 1973 at the age of 43.

**Keywords:** Lenio Braga; Bahian modern art; Bahia; I Bienal da Bahia.

---

**Resumen:** Lenio Braga fue un artista nacido en Paraná que vivió su fase más productiva en la ciudad de Salvador, en medio de la efervescencia cultural de las décadas de 1950 y 1960. Involucrado con los principales nombres de la cultura de la época, el artista dejó un legado de obras importantes diseminadas por toda Bahia. El artista ganó prominencia al recibir el Premio Nacional de Pintura de la I Bienal de Bahía (1966). La llegada de Lenio a Bahía tuvo lugar en un período revolucionario en la vida cultural del estado, que finalmente influyó en la vida cultural de la propia nación. Es en este momento que una marea vanguardista sin precedentes barrió la ciudad de Salvador, forjando en cierto sentido fenómenos como Cinema Novo y Tropicalismo. Su trabajo se hace eco del contacto con las dos primeras generaciones del arte moderno bahiano, con una primera fase más vinculada a la representación de la cultura afrobrasileña y una segunda fase, de construcción de un universo personal, centrado en un realismo mágico. Lenio Braga fue un experimentador inquieto toda su vida. Después de estudiar técnicas tradicionales (dibujo, pintura, escultura, grabado), se interesó por la fotografía, el cine y el diseño gráfico, entre otras técnicas. En 1968 se mudó a Río de Janeiro, donde murió en 1973 a la edad de 43 años.

**Palabras clave:** Lenio Braga; Arte moderno baiano; Bahia; I Bienal da Bahia.

Lenio Braga foi um artista paranaense que viveu sua fase mais produtiva na cidade de Salvador, em meio à efervescência cultural dos anos 1950 e 1960. Envolvido com os principais nomes da cultura da época, o artista deixou um legado de importantes obras espalhadas pela Bahia, incluindo os painéis das rodoviárias de Feira de Santana, Jequié e Itabuna. O artista ganhou destaque ao receber o Prêmio Nacional de Pintura da I Bienal da Bahia (1966), fato que movimentou a crítica local.

Apesar disso, a figura de Lenio foi sendo esquecida aos poucos, ao mesmo tempo em que suas obras também foram sofrendo o desgaste dos anos e começaram a apresentar os efeitos dos mais de 50 anos de idade, como é o caso do cruzeiro da Capela do Menino Jesus na cidade de Itapetinga – BA, já parcialmente destruído.

Lenio nasceu em Ribeirão Claro, norte do Paraná, em 27 de junho de 1931. Filho de uma professora e de um juiz de Direito, foi o segundo de seis filhos. Com 9 anos mudou-se para São Paulo, onde estudou até completar o colégio, passando a residir em Salvador, em 1955. É na Bahia que produz a maior parte de suas obras.

A chegada de Lenio na Bahia deu-se em um período revolucionário na vida cultural do estado, e que acabou por influir na vida cultural da própria nação. É nesse momento que uma maré vanguardista, inédita, varreu a cidade de Salvador, originada, em grande parte, pela gestão do reitor Edgard Santos, à frente da Universidade da Bahia (renomeada Universidade Federal da Bahia em 1965), forjando, num certo sentido, fenômenos como o Cinema Novo e o Tropicalismo. Nesta época, Salvador possuía um intenso circuito intelectual que reverberava as discussões então em foco em outros centros culturais.

Na década de 1950, a ideologia da modernidade tinha chegado às artes visuais baianas e tomado ares locais. Assim como os modernistas paulistas, alguns artistas baianos buscaram nas raízes populares a fonte de inspiração para sua arte. Ao invés de uma apologia ao futuro e à tecnologia propostos pelo projeto de modernidade das vanguardas europeias, os primeiros modernistas baianos foram ao encontro do *Naif* e do artesão.

Essa primeira geração de artistas modernos locais a conquistar o apreço da crítica e do público baiano era encabeçada por Mário Cravo Júnior, Carlos Bastos, Caribé, Genaro de Carvalho, Jenner Augusto e Rubem Valentim. Estes artistas não apenas conseguiram romper com o apego ao academicismo vigente nas artes baianas, assim como conseguiram permanecer em primeiro plano em seu cenário artístico até os dias atuais.

Nos anos sessenta, vemos emergir aquela que é considerada a segunda geração de artistas plásticos modernos baianos, integrada por nomes, como João José Rescala, Henrique Oswald, Jacyra Oswald, Calazans Neto, Sante Scaldaferrri, Juarez Paraíso, Emanuel Araújo, Yedamaria e Lygia Milton. Estes artistas, por sua vez, contrapondo-se à geração anterior, procuraram distanciar-se da temática regional.

A obra de Lenio, em alguma medida, ecoa seu contato e o trânsito por estas duas gerações da arte moderna baiana, com uma primeira fase mais ligada à representação da cultura afro-brasileira e com uma segunda fase, de construção de um universo pessoal, voltada a um realismo mágico.

Em Salvador, Lenio também trabalhou como designer gráfico no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA e se tornou o primeiro artista a ter permissão para retratar o candomblé do Ilê Babá Agboulá, em Itaparica. Em parceria com Mestre Didi, importante sacerdote e artista visual ligado a este candomblé, criou a preciosa

publicação chamada *Por que Oxalá usa Ekodidé*. Conviveu com o meio artístico da época, e ainda como designer, criou cartazes para teatro e aberturas de filmes.

Lenio Braga foi um experimentador inquieto, em toda sua vida. Após estudar as técnicas tradicionais – desenho, pintura, escultura, gravura – se interessou por fotografia e design gráfico. Fez tipografia e ilustração, trabalhou com pedra, isopor, papel-machê, madeira e metal, criou murais em mosaico, aprendeu a moldar vidro.

Em várias obras as técnicas se mesclam. Pintou quadros onde há objetos colados, construiu esculturas sonoras, exibiu desenhos projetados em telas, construiu máquinas que produziam... arte!

Desde o início, Lenio optou pelo figurativismo. Estudou os clássicos e se apaixonou pelos impressionistas. Influenciado pelo Modernismo brasileiro, buscou traduzir a realidade à sua volta. Estudou gravura com Lívio Abramo e Helen Kerr, e foi autodidata nas outras técnicas. Fez várias viagens pelo Brasil e retratou pescadores, lavradores, crianças de rua, vendedores ambulantes e prostitutas. Gente do povo, que sempre esteve representado em sua obra. Nos anos 60 experimentou a pop art, fazendo releituras de obras famosas e mesclando cultura popular com arte erudita, com um viés satírico. Nesta mesma década, desenvolveu seu trabalho como muralista. Os painéis das rodoviárias de Jequié, Itabuna e Feira de Santana viraram referência e se transformaram em cartões postais das cidades. O conjunto de esculturas na capela de Itapetinga, projeto dos arquitetos Guarani Araripe, Alberto Hoisel e Yohiakira Kastuki, se destaca pela inventividade, graça e beleza.

Atualmente, novas obras estão sendo descobertas através da pesquisa desenvolvida no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Um exemplo disso são ilustrações feitas para livros nas décadas de 1950 e 1960, além de desenhos e esboços espalhados nos acervos familiares. Recentemente, foi feita uma exposição de sua obra com o objetivo de rememorar esse artista e também apresentá-lo a um público mais jovem. Mais do que uma exposição de caráter histórico, alguns desenhos de Lenio foram apresentados de forma restaurada e ampliada para que sua arte fosse observada por um olhar mais contemporâneo. O designer gráfico Walter Mariano, também curador da mostra, realizou o trabalho de digitalização e restauração das imagens. Alguns quadros e objetos pessoais puderam ser apresentados graças ao esforço do pesquisador Marcelo Brazil que vem, ao longo dos anos, recolhendo materiais sobre o artista, além de ter criado o site com imagens das obras.

Nessa mostra, que ocorreu em 2018 na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes da UFBA, foi possível perceber a evolução do traço de Lenio, partindo de seus desenhos com forte influência da geração de artistas baianos com a qual conviveu e indo em direção ao realismo mágico das obras do final de sua vida.

A I Bienal de Artes Plásticas da Bahia, em 1966, foi um marco cultural dos anos 60. De âmbito nacional, reuniu artistas de todo o país e retratou a efervescência do período. Lenio recebeu o Prêmio Nacional de Pintura, com o polêmico *Monalisa & Moneyleague*, influenciado pela pop art. A II Bienal, em 68, foi fechada pela ditadura e teve várias obras apreendidas pela censura do regime.

Lenio participou também da Bienal de São Paulo de 1967, como convidado. Em 1968 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde morreu em 1973, com apenas 43 anos. Sua obra permanece como um retrato fiel de um ciclo de pouco mais de duas décadas de uma inédita efervescência no cenário artístico e cultural baiano.



Lenio Braga.  
Sem título.  
1958.  
Bico de pena.  
Fonte: Bahia de todos os Santos e de todos os demônios.



Lenio Braga.  
Sem título.  
1958.  
Bico de pena.  
Fonte: Bahia de todos os Santos e de todos os demônios.

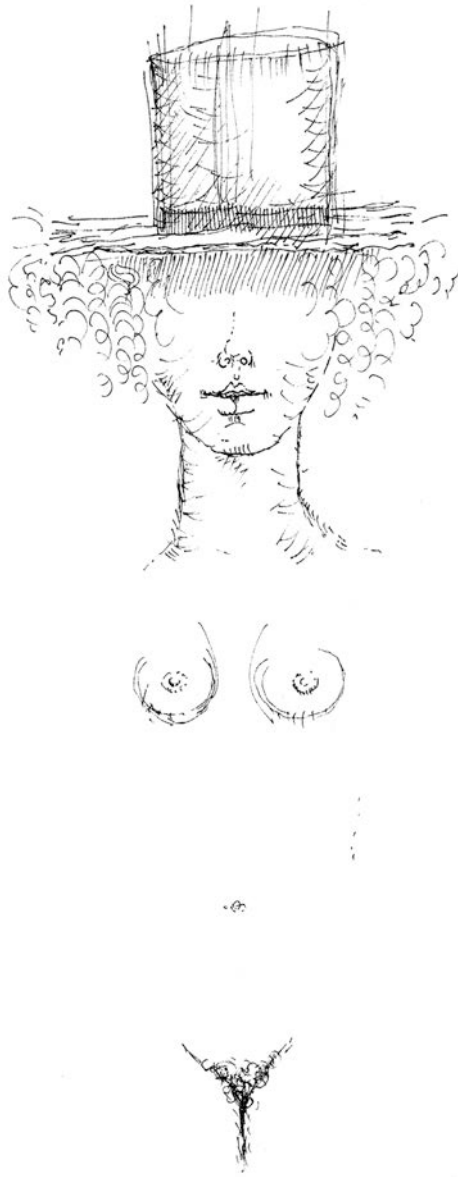


Lenio Braga.  
Painel da Rodoviária de Feira de Santana.  
1966.  
Pintura em azulejo.  
Foto: Marcelo Brazil.

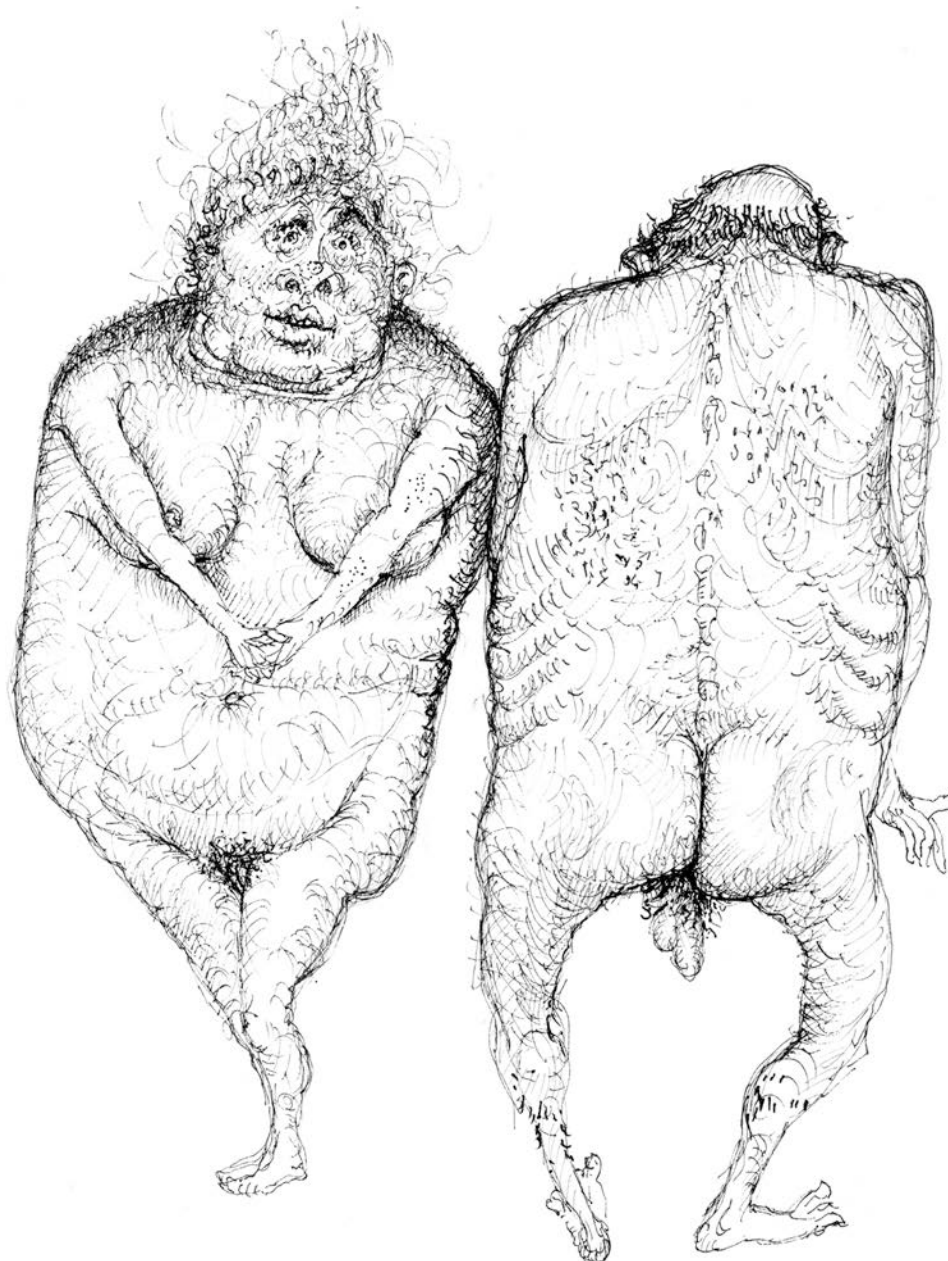


Lenio Braga.  
Cruzeiro da Capela do Menino Jesus – Itapetinga-BA.  
1968.  
Escultura em pedra sabão.  
Foto: Marcelo Brazil.





Lenio Braga.  
Sem título.  
Sem data.  
Bico de pena.  
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.



Lenio Braga.  
Sem título.  
Sem data.  
Bico de pena.  
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.



Lenio Braga.  
Sem título.  
Sem data.  
Gravura em metal.  
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.



Lenio Braga.  
A curra.  
Sem data.  
Óleo sobre tela.  
160 x 160 cm  
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.



Lenio Braga.  
Pássaro vermelho.  
Sem data.  
Óleo sobre madeira.  
35 x 55 cm  
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.



Lenio Braga.  
Monalisa e Moneyleague  
1966.  
Óleo sobre madeira.  
Fonte: revista O Cruzeiro.